

XVI Encontro das UEBA



1º DE JULHO
Salvador / UNEB (Cabula)

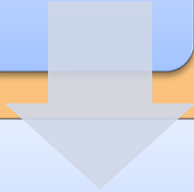


**DEFENDER O ESTATUTO
É FORTALECER A UNIVERSIDADE**

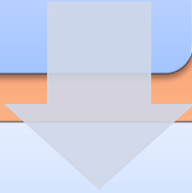
INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO E ADOECIMENTO DOCENTE

ESTRUTURA DA EXPOSIÇÃO

Superexploração, padrão dependente de educação e os impactos para a saúde dos trabalhadores;

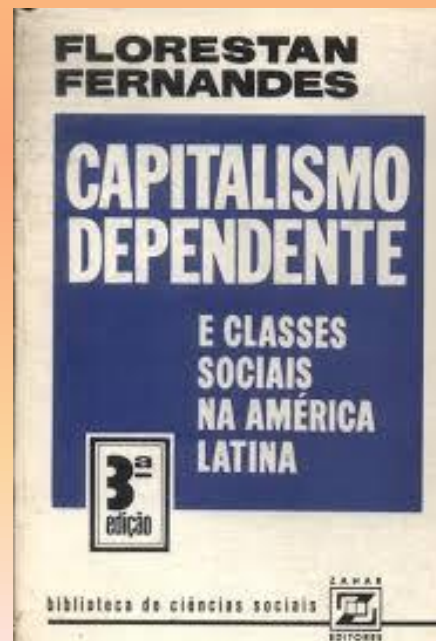


O novo nexos psicofísico do trabalho diante da plataformização e o agravamento do adoecimento docente;



Condições de trabalho e saúde: alguns resultados indicados pela Enquete do Andes-SN e desafios para a resistência.

EXISTE TRABALHO NÃO ADOECEDOR NO MODO DE PRODUÇÃO EM QUE VIVEMOS?



O “PADRÃO DEPENDENTE DE EDUCAÇÃO” E OS IMPACTOS NA SAÚDE DAS(OS) DOCENTES DAS IES

Contexto do pós 1970:
novas determinações
para o trabalho nas
instituições públicas

Do governo neoliberal de
FHC aos governos de
conciliação de classes

Transformações
estruturantes nas
instituições de educação
superior nas últimas
quatro décadas

Reforma do Estado

Neoliberalismo

Terceirização

Reestruturação produtiva

Nova gestão pública

Asfixia orçamentária

**Hegemonia do capital
financeiro**

Privatizações

Empreendedorismo acadêmico

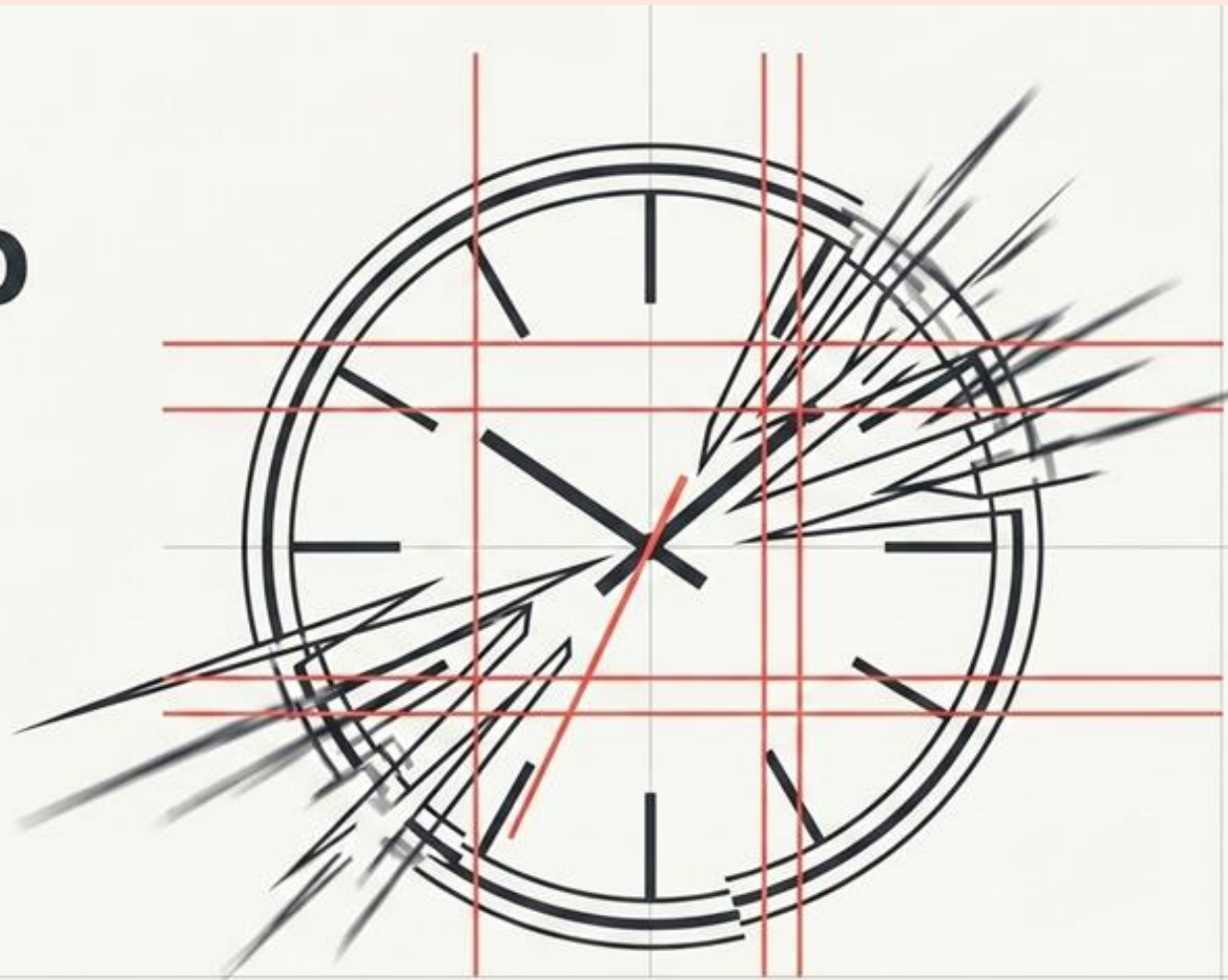
Léxico empresarial

Produtivismo

Agenda dos Organismos Internacionais

A Malha de Tensão

O Novo Padrão do Trabalho Docente Pós-Pandemia



Desvalorização profissional, hiperconectividade e adoecimento

PLATAFORMIZAÇÃO: novo patamar de precarização do trabalho que agrava o adoecimento



A PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: produtivismo acadêmico em grau máximo



Compressão espaço-temporal

Publicações em abundância

Fetichismo tecnológico

Submissão às corporações estrangeiras

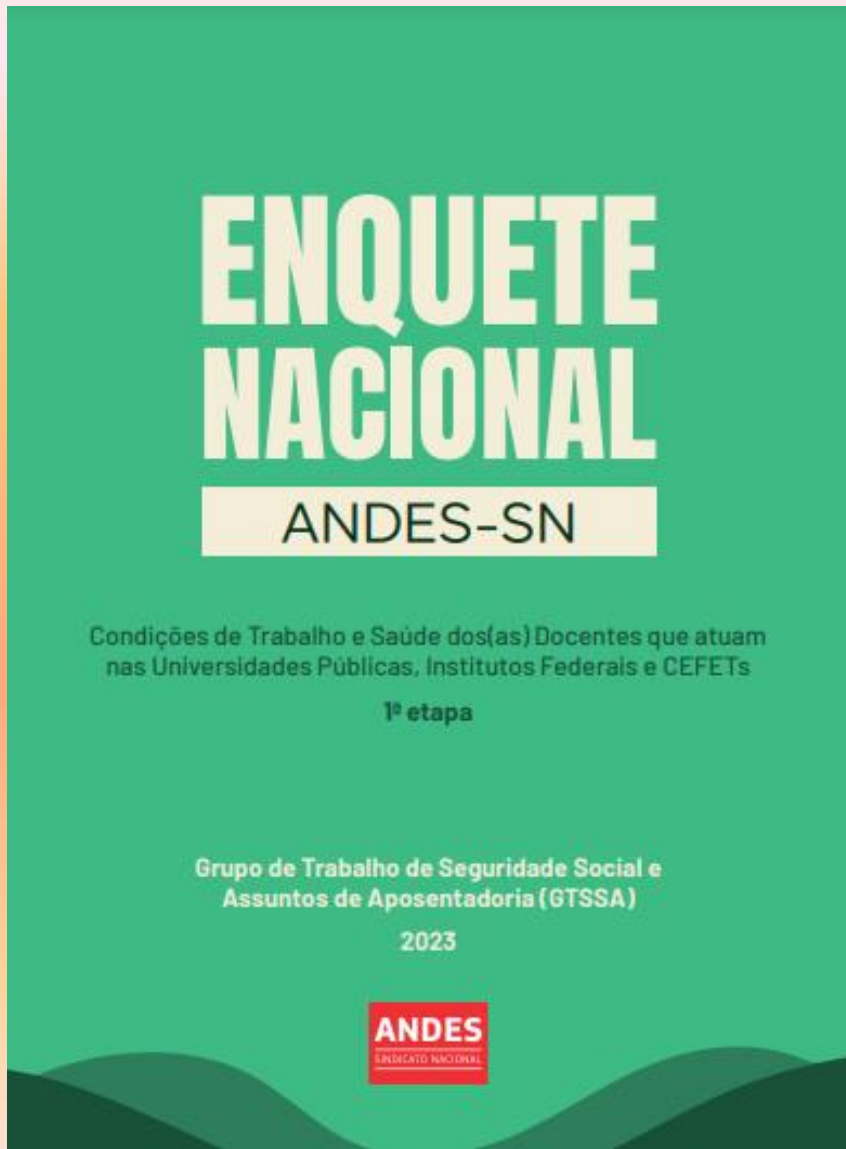
Dataficação

Dependência

Ausência de autonomia tecnológica

Colonialismo digital

Enquete do Andes-SN

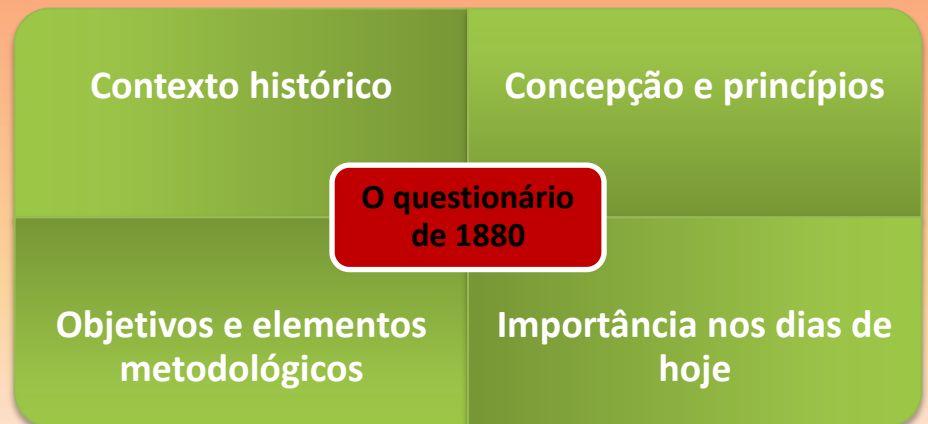


1ª etapa / 2023 → 1874 docentes (11 instituições)

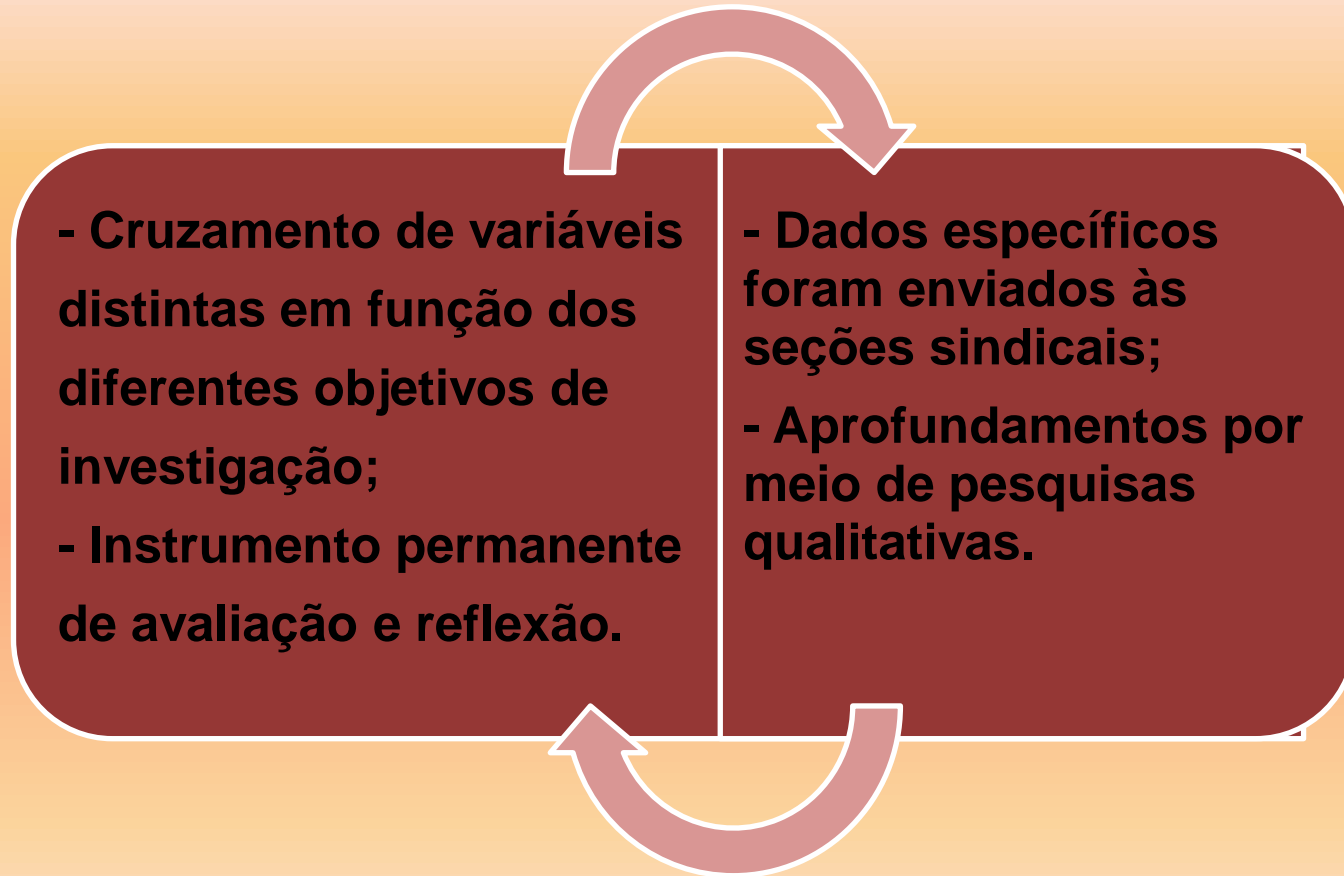
2ª etapa 2024/25 → 3847 docentes, sendo 3591 ativos e 256 aposentados) (144 instituições)

74 questões divididas em oito blocos

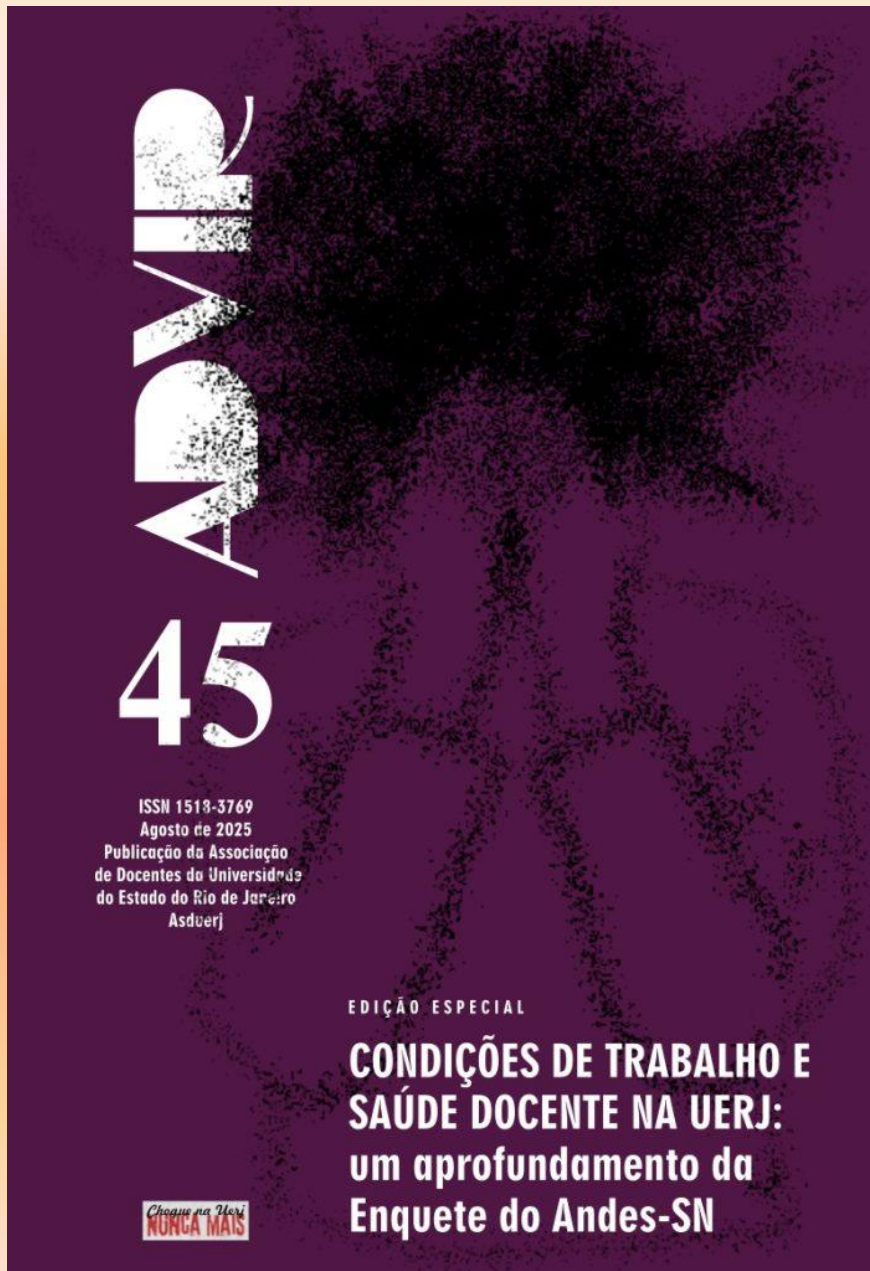
Inspiração teórico-metodológica: a Enquete Operária de Marx



Os dados permitem uma infinidade de análises



“É impensável uma teoria distanciada da análise permanente das evidências da realidade.” (E. P. Thompson)



Aprofundamento qualitativo da Enquete Nacional

31 docentes participantes na UERJ

Grupos focais:

- 1) Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF – Uerj) → 7 docentes
- 2) *Campus* Maracanã → 11 docentes participantes;
- 3) Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira / Cap-Uerj → 6 docentes;
- 4) Aposentados/as → 7 docentes;

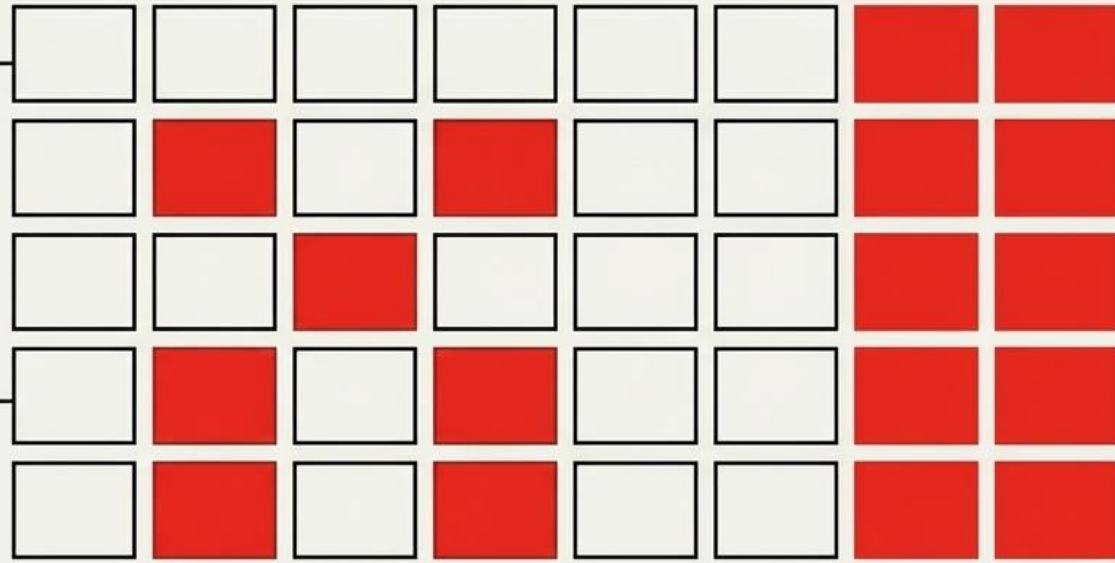
Período de realização: primeiro semestre de 2025.

A INVASÃO SISTÊMICA DO TEMPO DE DESCANSO E RECUPERAÇÃO

O trabalho docente ultrapassou os limites contratuais, colonizando o tempo livre.

68,6%

das e dos docentes trabalham frequentemente ou sempre aos finais de semana.



57,5%

mantêm atividades laborais durante os feriados.

A sobrecarga está associada à pressão contínua por produtividade e à incapacidade institucional de respeitar os limites entre a vida profissional e pessoal.

VIDA ALÉM DO TRABALHO?

O trabalho docente ultrapassou a capacidade contratual de forma estrutural.

100% CAPACIDADE CONTRATUAL

SOBRECARGA DO SISTEMA



75,4%

Trabalham além da carga horária prevista no regime de trabalho.

67,3%

Relatam aumento das atividades em comparação ao período pré-pandemia.

83,1%

Sentem-se ativamente sobrecarregados.

SOBRECARGA DE TRABALHO

Docentes Mulheres

88,1%

Acumulam significativamente mais orientações de graduação e sofrem com o peso do trabalho doméstico e de cuidados não remunerados.

Docentes Homens

77,2%

Menor acúmulo de orientações e menor peso de trabalho de cuidado invisível.

Sobrecarga Interseccional: 22,5% das docentes mulheres afirmam sofrer racismo nas relações de trabalho.

Com a palavra os/as professores/as:

“Então a gente tem que dar aula na graduação, na pós-graduação, e ter orientação em todos os níveis. Eu tenho de monografia, eu tenho de monografia de especialização, de mestrado, de doutorado. Não estou nem colocando o estágio como disciplina. Então esse excesso de trabalho é algo adoecedor. Então, quando eu fui convidada para essa oficina [grupo focal], eu já fiquei assim... Era como se eu quisesse falar de tudo, como se fosse um espaço terapêutico onde eu pudesse desabafar em termos da quantidade de trabalho que a gente hoje tem, inclusive para manter condições mínimas de trabalho. Tem um professor, nosso colega, que ele fala que nós somos professores empreendedores, porque a gente, além de fazer tudo que um docente faz, ensino, pesquisa, extensão, a gente tem que correr atrás de edital para conseguir recursos, para conseguir equipamento para trabalhar, para conseguir um ar-condicionado, enfim, isso é estimulado. Isso é estimulado pela universidade.” (Participante 3 do grupo focal do *campus* Maracanã, mulher cisgênera, 54 anos, branca, professora da Uerj há 27 anos)

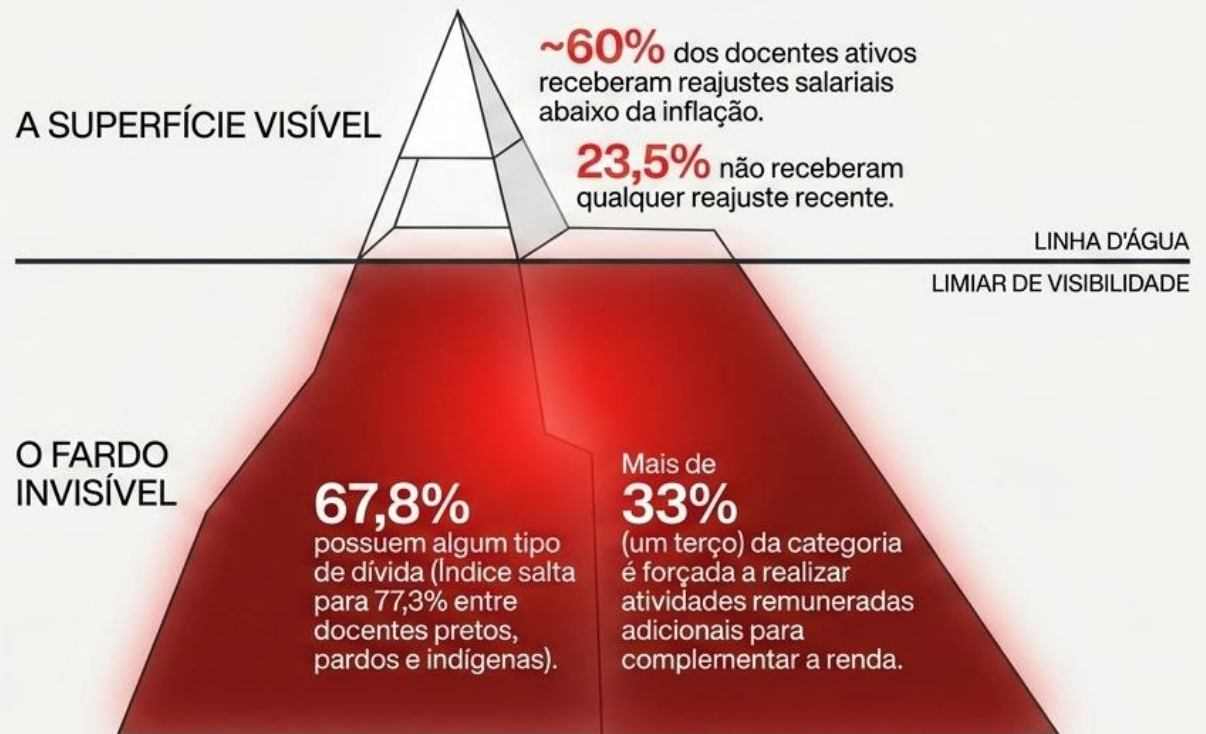
“Essa sobrecarga a gente tá engolindo, a gente engole, chega aqui, cospe, reclama. Foi isso que eu vi nesses 10 anos da universidade e o trabalho todo fragmentado, a FEBF reclama, a FFP reclama. E não junta, a gente não junta. É me dá um projeto aqui porque eu tenho que complementar o salário, me dá uma bolsa, me dá outra bolsa, me dá outra bolsa, me dá outra bolsa. Então, assim a gente vai se arrebentar, sabe?” (Participante 1 do grupo focal FEBF, mulher cisgênera, 65 anos, preta, professora da Uerj há 10 anos)

Esse último feriado eu trabalhei todos os dias. Ontem, eu trabalhei até 1h da manhã e acordei às 5h hoje. Porque tem semana que tem que entregar relatório, eu estou com um projeto para avaliar de extensão, estou com três artigos para submeter. Tinha que preparar a aula de hoje. Amanhã eu vou dar grupo de pesquisa. Quer dizer, se você for pela demanda, você surta, porque é muita coisa. (Participante 6 do grupo focal da FEBF, homem cisgênero, branco, 34 anos, professor da Uerj há dois anos)

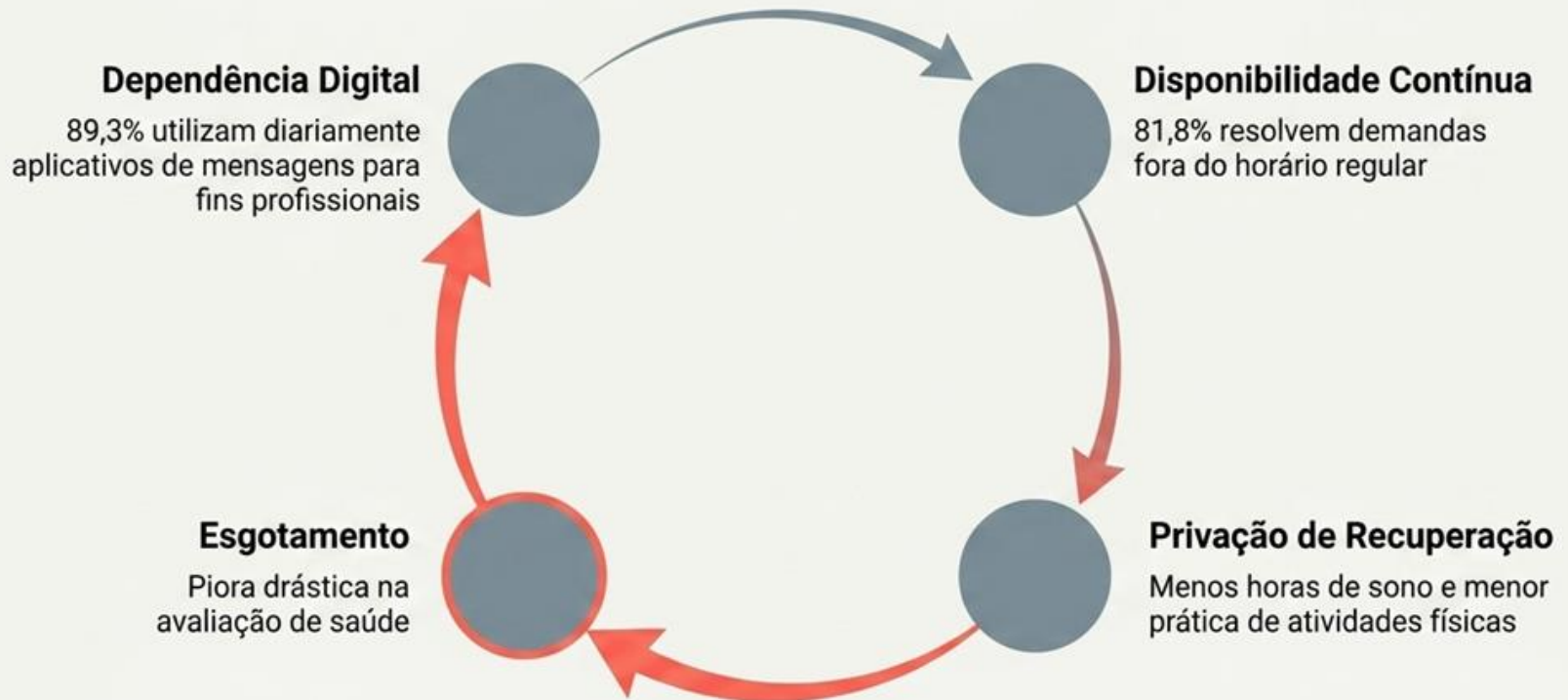
Então nós estamos exaustos porque a gente tem que correr atrás de edital, a gente tem que fazer o projeto, a gente tem que executar o projeto. Depois a gente tem que prestar contas do projeto... Então é isso que está se tornando a universidade brasileira hoje, em termos dos seus financiamentos e da falta de condições de trabalho, um espaço opressivo em termos da quantidade de trabalho. (Participante 3 do grupo focal do *campus* Maracanã, mulher cisgênera, branca, 42 anos, professora da Uerj há nove anos)



O alicerce da precarização: achatamento salarial e endividamento

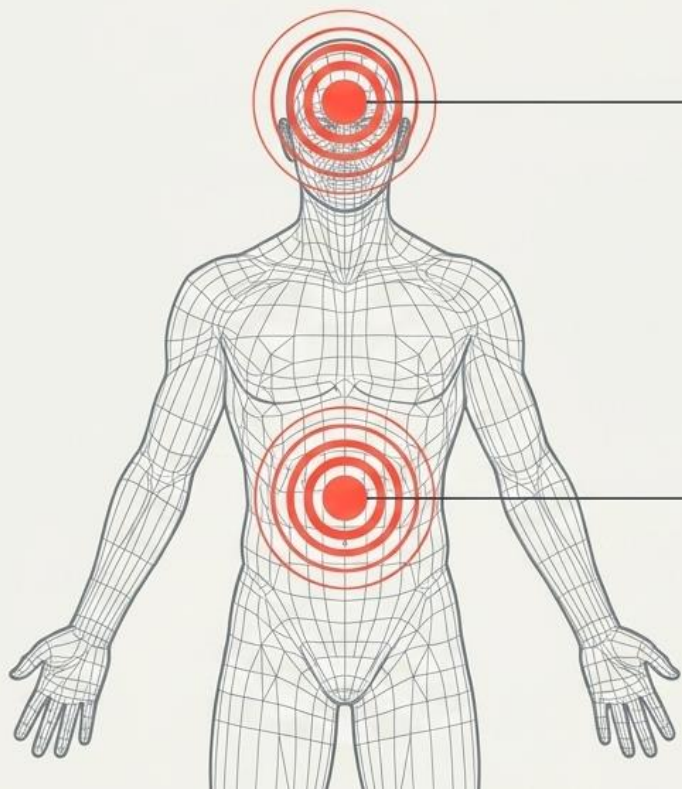


O ciclo vicioso da hiperconectividade molda a nova rotina



A utilização intensiva de plataformas digitais deixou de ser uma ferramenta de facilitação para se tornar uma característica permanente e adoecedora da atividade docente.

O custo físico e mental das atuais condições institucionais



Cérebro/Mente

Transtornos de ansiedade
(35,4%) — incluindo síndrome do pânico e fobia social.

Redução das horas de sono
(52,5%).

Coluna/Articulações

Doenças musculoesqueléticas
(36,4%) — afetando ossos, músculos, tendões e coluna vertebral.

51,8%

relatam uma piora geral das condições de saúde no último ano.

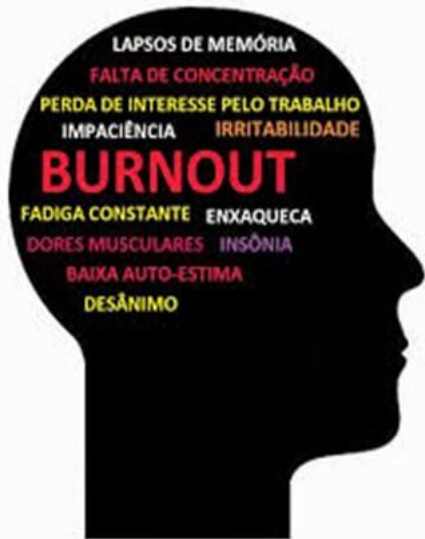
67,8%

culpam diretamente as condições de trabalho nas instituições pelo adoecimento.

41%

Diminuição de exercícios físicos

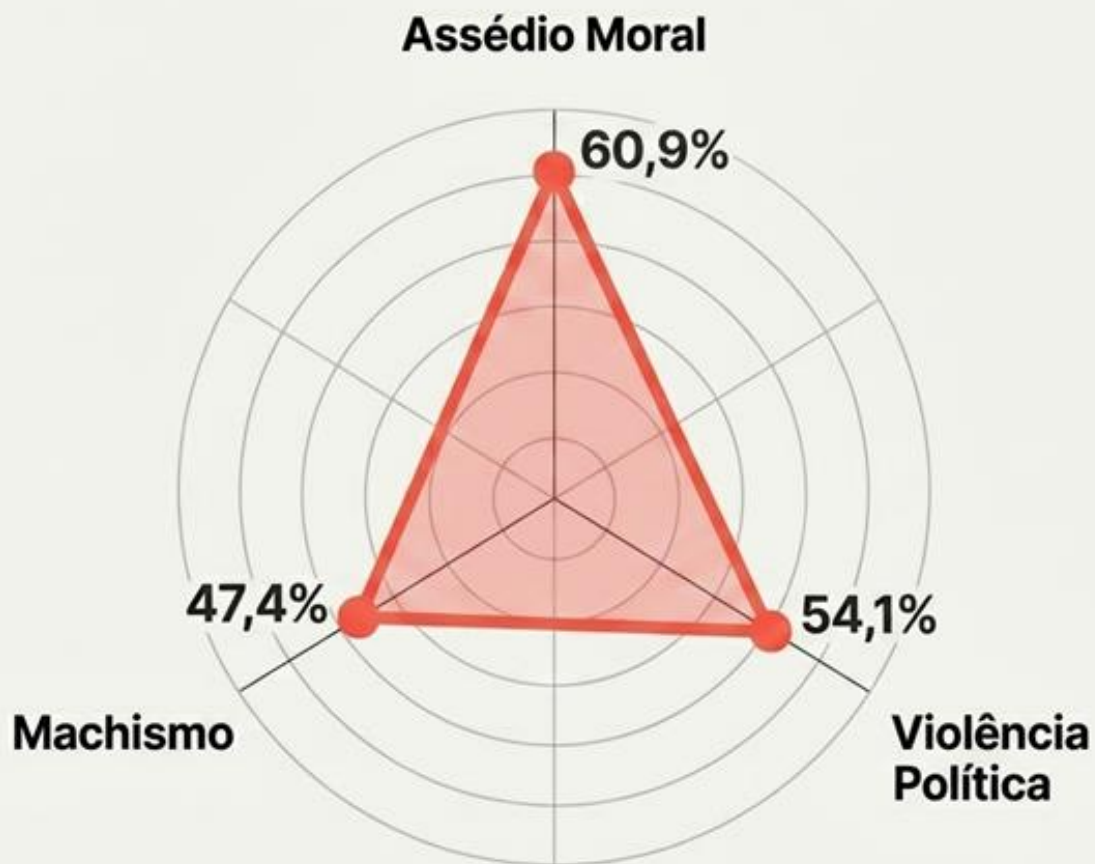
“Você começa a falhar. Não dormia, e eu estou meio nesse processo de selecionar as coisas em que eu vou ficar, porque isso é o corpo, a cabeça, acaba que não estão dando conta, acabam não sustentando esse volume de trabalho. E é isso. Eu acho que, hoje, o que me incomoda profundamente é essa coisa de uma pouca partilha, no sentido do trabalho coletivo disso, de cada um ter que correr atrás do seu, muito individualmente. Porque é isso, a gente é instado a isso o tempo todo pela universidade.” (Participante 5, docente do grupo focal do *campus* Maracanã, 57 anos, mulher cisgênera, branca, docente da Uerj há 20 anos)



“A Faculdade de Educação, por exemplo, não tem funcionários que atendam a demanda dos professores. Isso sobrecarrega os funcionários, os técnicos que atuam. Então, isso tudo se soma a esse nível de precarização, que foi uma primeira impressão que eu tive, que me afirma cada vez mais que, de fato, se a gente não debater, não tiver mais espaços como esse, não só com uma pesquisa, mas para avançar nas nossas pautas, a gente tende a adoecer cada vez mais.” (Participante 8 do grupo focal do *campus* Maracanã, homem cisgênero, 41 anos, pardo, docente da Uerj há dois anos)

A prevalência da hostilidade e violência no cotidiano acadêmico

O adoecimento docente não é provocado apenas pela carga horária, mas pela exposição a um ecossistema de trabalho estruturalmente violento.



LGBTI+FOBIA NO AMBIENTE ACADÊMICO

13,9%

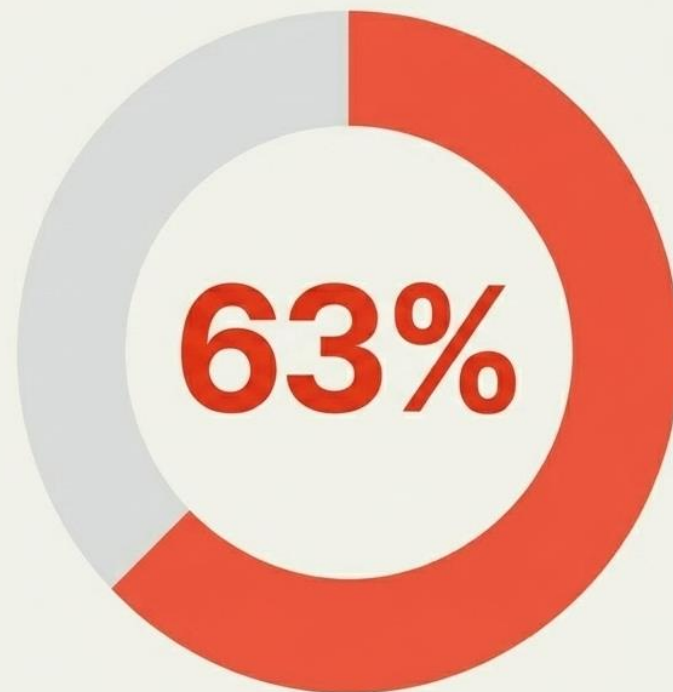
da amostra se identifica como LGBTI+ (2,6% preferiram não responder; 0,2% não sabem).

63%

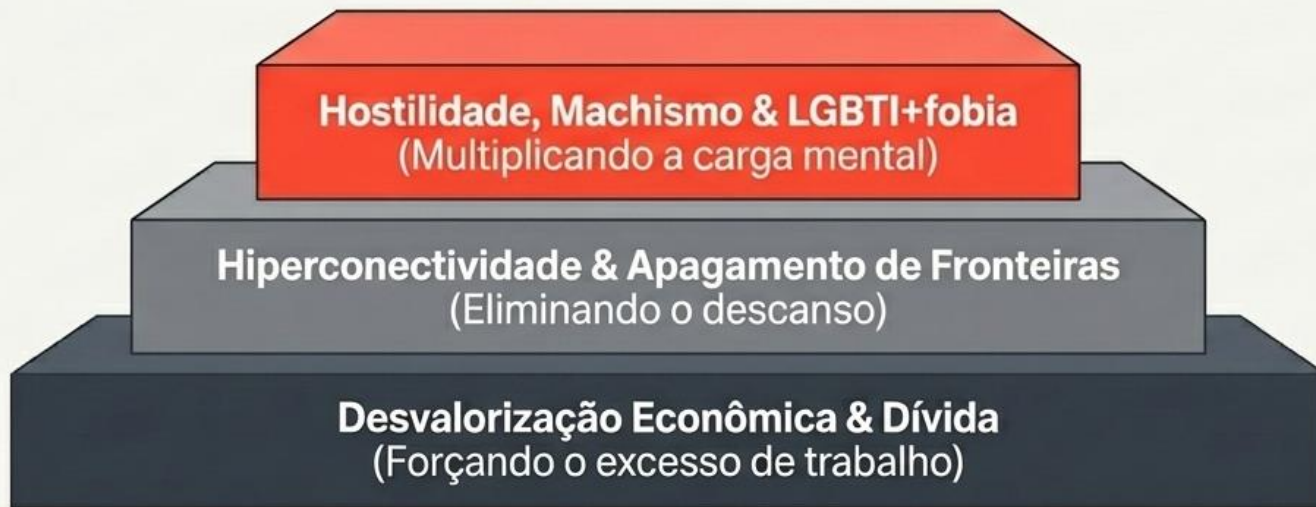
das e dos respondentes LGBTI+ afirmaram já ter **sofrido LGBTI+fobia** no ambiente acadêmico.

13%

Para 13% dessa população, a **discriminação ocorre “frequentemente” ou “sempre”**.



O adoecimento não é falha individual, é um projeto estrutural



A intensificação do trabalho docente se tornou um problema coletivo... É necessário construir estratégias de enfrentamento, no âmbito do ANDES-SN e seções sindicais, incluindo diálogo com as reitorias, para conter a sobrecarga.

A RECONSTRUÇÃO DO SENTIDO DO TRABALHO DOCENTE EXIGE MOBILIZAÇÃO COLETIVA.

DESAFIOS PARA A RESISTÊNCIA



Investigar a realidade com conhecimento teórico adequado e com vigilância epistemológica é um desafio que se coloca atualmente ao movimento sindical dos trabalhadores da educação;



Dissecar o novo nexó psicofísico do trabalho, advindo do contexto de trabalho plataformizado, que visa a (con)formação de um trabalhador de novo tipo;



Promover a articulação das exigências metodológicas e políticas a fim de incentivar uma autoavaliação dos trabalhadores em relação às mudanças abruptas no seu cotidiano de trabalho e ao mesmo tempo contribuir para a mobilização coletiva;



O adoecimento não é um problema individual, é o resultado de um sistema precarizado e de uma subjetividade neoliberal que precisam ser enfrentados de forma coletiva.

*“Para agir na direção da transformação é necessário compreender a fundo a realidade”
(Karl Marx)*